

Estudo analisa alterações epigenéticas de pacientes com câncer de esôfago

O INCA representa o Brasil no estudo coordenado pela Agência Internacional de Pesquisa em Câncer (Iarc, na sigla em inglês) sobre alterações epigenéticas de pacientes com câncer de esôfago em países com baixo ou médio Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). A investigação abre a possibilidade de desenvolvimento de novas terapias e avanços na detecção precoce da doença, que afeta principalmente populações mais pobres, devido a fatores ambientais e alimentares.

Epigenética é a área da biologia que estuda as alterações do DNA que não modificam a sua sequência, mas afetam a atividade de um ou mais genes. No caso do câncer, a especialidade ajuda a entender as diferenças de comportamento da célula tumoral e da célula normal. A pesquisa traz observações que permitem entender quais mudanças epigenéticas - que costumam ser frequentes nos pacientes oncológicos - participam do desenvolvimento e da evolução da doença. Dessa forma, é possível ter os sinais do câncer de esôfago revelados em estágio inicial.

Integram o grupo de autores os pesquisadores do INCA Sheila Coelho Soares e Luis Felipe Ribeiro, responsável pelo Programa de Carcinogênese Molecular e coordenador de Pesquisa do Instituto. Ao longo de cinco anos, o estudo analisou 240 pacientes, sendo 28% do INCA. As conclusões foram publicadas na revista *Cancer Research*, da American Association for Cancer Research Publications.

A pesquisa identificou que as alterações epigenéticas estão entre as mais relevantes para o desenvolvimento do câncer de esôfago, já que o mesmo padrão é observado em pacientes de diferentes países. Sheila destaca que essa identificação facilita chegar ao diagnóstico com recursos menos agressivos. “Um exemplo é a biópsia líquida, que é pouco invasiva e com boa relação custo-efetividade. Esse método permite investigar os marcadores da doença a partir do sangue do paciente”, explica.

O diagnóstico precoce propicia o acesso do paciente à terapia adequada. De acordo com Luis Felipe, é possível usar medicamentos capazes de reverter as alterações epigenéticas. “Alguns remédios já são utilizados



Pesquisadores do INCA Sheila Coelho Soares e Luis Felipe Ribeiro representam o Brasil no grupo internacional

no tratamento de outros tipos de câncer. Assim, poderemos avaliar o potencial de incorporação dessas drogas no tratamento de pacientes com câncer de esôfago”, afirma.

Detecção tardia eleva letalidade da doença

O estudo examina populações pouco estudadas e nas quais a doença é mais prevalente, como a da Ásia (considerada o cinturão do câncer de esôfago), incluindo a Índia e a China, além do leste da África e da América do Sul, com os dados do Brasil. A pesquisa analisou mais de 850 mil alterações epigenéticas nesse tipo de tumor.

O câncer de esôfago é o sétimo mais incidente no mundo, com uma estimativa de 572 mil novos casos e 509 mil mortes em 2018. A detecção tardia e a falta de opções de tratamento são os principais motivos da alta taxa de letalidade. “O mais comum é que os pacientes somente procurem ajuda médica quando não conseguem mais engolir líquido ou alimentos, já em um estágio muito avançado. Esse estudo traz a possibilidade de um avanço da saúde para esses pacientes”, garante Sheila.

Luis Felipe ressalta que esse tipo de câncer é o menos estudado entre os mais incidentes no mundo. Isso porque atinge, na maioria, a população de baixa e média rendas. “É uma doença negligenciada. Por isso, esse estudo tem papel fundamental, porque vai ajudar populações que necessitam de atenção”, completa.

No Brasil, o câncer de esôfago é o sexto mais frequente e o quinto de maior mortalidade entre os homens, sem considerar os tumores de pele não melanoma. As regiões Sul e Sudeste têm as maiores taxas de incidência da doença, e os principais fatores de risco são o uso de álcool e tabaco. Além disso, no sul do País, seu desenvolvimento também está associado ao consumo do chimarrão em altíssimas temperaturas.